

## Dos plurais sentidos da experiência social<sup>1</sup>

João Teixeira Lopes<sup>2</sup>

### Resumo:

A experiência não é uma unidade homogénea. Na acção social os contextos de interacção e as lógicas dos actores são preferencialmente contraditórios e múltiplos. Em lugar de um ponto de vista soberano sobre a realidade impõe-se a pluralidade dos mundos da vida e das suas linguagens, tempos e modos.

**Palavras-chave:** Experiência; teoria da acção; fenomenologia social

*"Lá onde os hindus vêem uma vaca sagrada, outros vêem um grande hambúrguer"*

*"Do ponto de vista do Oriente do mundo, o dia do Ocidente é a noite"*

Aforismos de Eduardo Galleano

*"Otávio – dizia-lhe ela de repente - , você já pensou que um ponto, um único ponto sem dimensões, é o máximo de solidão? Um ponto não pode contar nem consigo mesmo, foi-não-foi está fora de si"*

Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem*

### O Pensamento Complexo

A interpelação questiona: «Qual é a medida do mundo?». A resposta, para o sociólogo interpelado, remete-o para os meandros do pensamento complexo. Alheio aos determinismos do mundo-máquina, às explicações totalizantes

---

<sup>1</sup> - Comunicação apresentada no ciclo de conferências «Qual é a medida do mundo?», organizado pela Universidade do porto e pela Casa Museu de Abel Salazar.

<sup>2</sup> - Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da mesma instituição. E-mail: [jmteixeiralopes@mail.telepac.pt](mailto:jmteixeiralopes@mail.telepac.pt)

e totalitárias, ao curto-circuito da causa-efeito e a todas as verdades reveladas, impõe-se a sucessão dialógica do movimento e da análise pluriperspectivada. Tal como nos princípios do cubismo, trata-se de abdicar de um ponto de vista único e soberano, de fragmentar o olhar e a análise; de reconhecer que o instituído é também instituinte (ou que o estruturado é sempre estruturante); de alimentar contradições, ruídos e combinações; de combinar ordem e desordem; de suscitar a crítica da crítica e de multiplicar escalas e níveis de observação<sup>3</sup>. Acima de tudo, desconfiar, na melhor herança da dúvida metódica e do cepticismo organizado, *da* resposta, insistindo no processo. Em vez do saber monolítico, o saber plural.

### «Os mundos da vida». Da unidade à pluralidade da experiência

Qual é a plataforma de observação sociológica que nos permite aferir da medida do mundo e do cruzamento das várias escalas que a atravessam? Atrevo-me a sugerir a experiência fenomenológica da vivência quotidiana, a matéria-prima, afinal, da análise sociológica, o húmus da complexidade contra o chão estéril da simplificação positivista e reificante.

Regressemos ao conceito de Husserl sobre «o mundo-da-vida», espécie de placenta social que a todos liga num universo de sentido geralmente a-problemático ("*until further notice*") e aceite, tão-só, como o *mundo*: "nasci nele – afirma Schütz – e assumo que já existia antes de mim"<sup>4</sup>. No entanto, é este um mundo povoado de agentes cognoscentes, de actos práticos e simbólicos, de acontecimentos, atritos e fricções constituídos em factos que, objectivamente, moldam e endurecem percursos, trajectórias, movimentos. O *poder diferencial*<sup>5</sup> acciona conjuntos desiguais de recursos e cria, reproduz ou aprofunda desigualdades, representadas e traduzidas, quer nos esquemas cognitivos de percepção do mundo, quer na linguagem que torna o mundo-da-vida num manancial expressivo, social e culturalmente construído. Logo, o mundo-da-vida, a-problemático até qualquer indicação em sentido contrário (responsável pelo que tantas vezes designamos como «crise», «inadaptação», «mutação», «mudança»), está, ele próprio, mergulhado em convenções e instituições que, «naturalmente», interiorizamos como «segunda natureza». É

<sup>3</sup> - Cf., a este respeito, José Madureira Pinto, *Propostas para o Ensino das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1994, pp. 197-200.

<sup>4</sup> - Vd. Alfred Schütz, *The Structures of the Life-World*, Evanston, Northwestern University Press, 1973.

<sup>5</sup> - Vd. Anthony Giddens, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta, 1992.

essa regulação, aliás, que permite que as interações funcionem geralmente bem, que se accionem, no dizer de Goffman, «compromissos de trabalho» traduzidos pela «guerra fria», todavia não declarada, entre dois interlocutores que, partilhando o «mundo-da-vida», tentam, a todo o custo, manter o contacto – apesar das diferenças (de classe, de género, de etnia...) ou por causa dessas mesmas diferenças. Mundo simultaneamente concreto, positivo, mas também ideológico, simbólico, intelectual.

Schütz simplifica aparentemente a questão, ao negligenciar as condições objectivas que estão na génese do *stock* de conhecimentos que nos permite decifrar dia-a-dia o mundo, um pouco como se cada um de nós em si transportasse a chave do enigma ou incorporasse a solução que liga as várias peças do *puzzle*: "cada passo da minha explicação e compreensão do mundo é baseada, a cada momento, no stock da minha prévia experiência, nas minhas experiências imediatas (...) todas essas experiências imediatas e transmitidas estão inseridas numa certa unidade que tem a forma do meu stock de conhecimento, o qual serve-me como esquema de referência"<sup>6</sup>. O meu stock de conhecimento seria, então, a medida do meu mundo, o esquema de percepção que fixa os limites da compreensão subjectiva e intersubjectiva da realidade envolvente.

Assim, ao contrário do pensamento teórico, o conhecimento prático, «quase-corporal», para utilizar uma expressão de Pierre Bourdieu, tem por fito a orientação rotineira na vida quotidiana. É nesse mundo, o universo da vida quotidiana, que se forma uma imensa comunidade de sentido, ligando-nos aos outros e favorecendo a mais ampla inteligibilidade das acções humanas. É ao mundo da vida quotidiana, aliás, que sempre regressamos, depois das deambulações pelos submundos vários que constituem o conjunto da nossa experiência pessoal e social. Trabalhamos, escrevemos, sonhamos, rezamos, convivemos, dedicamo-nos ao lazer ou à arte, mas, inexoravelmente, quando «desce o pano», é ao mundo da vida quotidiana que eternamente retornamos...

A questão que se coloca – em particular do ponto de vista das sociedades contemporâneas, caracterizadas por complexas matrizes de distribuição de recursos e de poderes, por estruturas reticulares de papéis sociais, por uma intensa diversidade e pluralidade de «mundos da vida», com tradução cada vez mais evidente em estilizações mais difusas ou mais codificadas de comportamentos e estilos de vida, por identidades multifacetadas e, não raras vezes, fractais e esquatejadas, por cenários e contextos de interacção altamente específicos, por, enfim, linguagens periciais que desafiam, no extremo,

---

<sup>6</sup> - Vd. Alfred Schütz, *op. cit.*, p. 7.

a distinção entre o homem e a tecnologia – é a da possibilidade de conexão e tradução entre as várias «províncias finitas de sentido». Por vezes, embora tal não constitua certamente a regra, existem «saltos» existenciais na transição brusca de uma província finita de sentido para a outra. Se sonho acordado e vagueio por territórios oníricos sendo abruptamente despertado por algum corpo que choca com o meu, ou se entro, de repente, num bar do submundo da droga e da prostituição, realidades que me são exóticas, posso sofrer um choque de experiências, uma alteração dos parâmetros da consciência (*tension of consciousness*) que, por momentos mais ou menos breves, me deixam desprovido de «bússolas cognitivas». Schütz claramente defende o cariz incompleto e parcial destas experiências e apercebe-se da sua especialização: "levam a um estilo particular de experiência de vida, um estilo cognitivo"<sup>7</sup> mas nem por um só momento duvida da sua convertibilidade mútua e da harmonia final em que desembocam: a de uma realidade intersubjectiva, onde os comportamentos adquirem significado pela linguagem (verba ou não verbal) que, de certa forma, torna objectivos – e por isso comunicáveis e apreensíveis – os sentidos da existência. Mesmo as experiências novas são internalizadas, cumulativamente integradas no *stock* de conhecimentos pré-existente e, uma vez incorporadas, transmitidas no fluir da intersubjectividade.

Esta ideia de coerência das experiências múltiplas está igualmente presente na noção de habitus de Pierre Bourdieu, enquanto esquema de unificação e inteligibilidade das práticas, dada a homologia existente entre a génese das disposições incorporadas, o espaço social das posições ocupadas e as acções ou comportamentos que daí resultam. É no habitus, enfim, que encontramos, qual limbo ente o consciente e o inconsciente, a resposta prática que nos permite aprender e classificar a realidade, unindo um determinado estilo de vida a uma classe de condições materialmente objectivas de existência.

Ora, o que pretendo defender é a cada vez menor coerência e capacidade de conversão das experiências em diferentes «mundos da vida» e a dissolução do totalizante «mundo-da-vida».

Bernard Lahire, no decorrer de um ambicioso programa empírico<sup>8</sup>, constata, no cerne da crescente diferenciação das sociedades hodiernas, uma tendência forte de confronto entre distintos contextos sociais e repertórios simbólicos. A experiência contemporânea ressent-se não só da já referida seg-

---

<sup>7</sup> - Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>8</sup> - Vd. *L'Homme Pluriel. Les Ressorts de l'Action*, Paris, Nathan, 1998 e *Portraits Sociologiques*, Paris, Nathan, 2002.

mentação societal mas, igualmente, de actores sociais altamente diferenciados entre si, com intensos reflexos na constituição da sua subjectividade.

A estrutura social das chamadas sociedades ocidentais fornece-nos alguns exemplos elucidativos. Pensemos, por exemplo, na desagregação da classe operária tradicional (proletariado agrícola e industrial) e analisemos a diversidade de situações de classe, tantas vezes contraditórias entre si, num continuum entre a exclusão e o monopólio de recursos em meios de produção, em dispositivos organizacionais ou em credenciações (escolares e outras)<sup>9</sup>. Ou, ainda, as consequências nessa classe operária tradicional (homogénea, colectivamente organizada, sujeito histórico) da generalização do trabalho assalariado precário (uma espécie de perversa «vitória» do subproletariado, outrora situação marginal face ao qual a «aristocracia operária» e sindical revelava e revela, não raras vezes, atitudes de desconfiança e hostilidade) e mesmo da *underclass* da economia ilegal, informal e subterrânea), marcado, nos padrões do toyotismo, pela polivalência, circulação e adaptabilidade.

Como refere Ricardo Antunes<sup>10</sup>, intensificam-se as combinações e imbricações entre trabalho vivo (força de trabalho) e trabalho morto (maquinaria informatizada), entre trabalho intensivo e extensivo, produtivo e improdutivo, produtivo e reprodutivo (em particular no caso das mulheres que trabalham), saber técnico-científico e saber prático, material e imaterial. O trabalho torna-se, pois, multifuncional, polissémico e polimorfo, aumentando a heterogeneidade das classes trabalhadoras, encaradas na sua constituição ampliada, fenómeno a que não é alheia a rápida obsolescência e morte das mercadorias no capitalismo avançado, avatar da criticamente apelidada *democracia de consumidores*.

Mas esta mesma heterogeneidade está presente, igualmente, nas restantes instituições matriciais. A pluralidade de modelos familiares é hoje uma realidade, bem como a quebra do consenso pedagógico em redor de um modelo centralizado de escola como aparelho ideológico de Estado. A instabilidade e proliferação de referências tem fortes reflexos nos esquemas de interiorização da experiência e de encadeamento da acção. Lahire afirma: "todo o corpo (individual) imerso numa pluralidade de mundos sociais encontra-se submetido a princípios de socialização heterogéneos e por vezes mesmo contraditórios que ele incorpora"<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> - Cf. Erik Olin Wright, *Classes*, Londres, Verso, 1989.

<sup>10</sup> - Cf. Ricardo Antunes, *Os Sentidos do Trabalho (Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho)*, São Paulo, Ed. Boitempo, 2002 e ainda, do mesmo autor, *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, São Paulo, Ed. Cortez/Ed. Unicamp, 2002.

<sup>11</sup> - Vd. Bernard Lahire, *L'Homme Pluriel...op. cit.*, p. 35.

A pluralidade dos mundos da vida conduz, então, a experiências tensas e multifacetadas. Entramos, por isso, no domínio inicialmente referido do pensamento complexo, inimigo da simplificação analítica, ou da unidireccionalidade causal própria do mecanicismo. As contradições existem, pois, entre as várias províncias finitas de sentido, associadas à diversidade de papéis sociais e aos «mundos» específicos que aí se geram, mas também, por vezes, no interior da própria prática. A hibridação de culturas e as chamadas mestiçagem e crioulagem culturais alertam-nos, precisamente, para novas e inusitadas formas culturais, longe da pureza essencialista outrora consagrada na equivalência «sagrada» entre um território, uma cultura e uma etnia ou «raça»

### **O papel e o lugar do sociólogo-etnólogo crítico**

Perante tal cenário coloca-se a questão da esquizofrenia contemporânea, da incomunicabilidade absoluta e dos inexoráveis limites da linguagem. Berger e Luckmann, em trabalho recente, interpelam-se sobre a «crise de sentido» da modernidade. Por sentido entendem, precisamente, "a consciência de que existe uma relação entre as experiências"<sup>12</sup>. A perspectiva dos dois autores é a do crescimento da alienação, esse sentimento de estranhamento do mundo. Outros autores, contudo, em particular os que se filiam em algumas das fileiras pós-modernas, preferem colocar a ênfase no aumento do campo de possíveis que a destruição do sentido da experiência única proporciona, numa espécie de festa dos sentidos onde a desordem criativa permite a reinvenção identitária. Outros ainda, entre os quais me situo, apercebem-se das potencialidades de uma plasticidade dos sistemas de disposições, em direcção a um cosmopolitismo esclarecido e combativo de qualquer agenda de imposição normativa de um arbitrário cultural, mas reconhecem quão desiguais são, nas nossas sociedades, as condições de produção e usufruto dessa plasticidade, localizada em fracções bem determinadas da estrutura de classes<sup>13</sup>.

Resgatar a diversidade dessas disposições e dos contextos onde se produzem, na tradição da confluência entre a sociologia e a antropologia, constitui ofício do sociólogo-etnólogo. Observar as práticas sociais no momento mesmo em que se produzem, analisar e comparar densamente as lógicas tensas e contraditórias dos múltiplos esquemas de acção e não renunciar ao estudo da sua

---

<sup>12</sup> - Vd. Peter L. Berger e Thomas Luckmann, *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*, Petrópolis, Editora Vozes, 2004, p. 15.

<sup>13</sup> - Vd. João Teixeira Lopes, *A Cidade a Cultura*, Porto, Afrontamento, 2000.

formação e historicidade, decifrar os parâmetros autóctones de inteligibilidade do real contribui, afinal, em simultâneo, para eliminar os pontos de vista soberanos de uma experiência tida como única e totalizante, bem como criar condições de comunicabilidade entre repertórios e universos de sentido.

### **Bibliografia**

ANTUNES, Ricardo, *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, São Paulo, Ed. Cortez/Ed. Unicamp, 2002.

ANTUNES, Ricardo, *Os Sentidos do Trabalho (Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho)*, São Paulo, Ed. Boitempo, 2002

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas, *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*, Petrópolis, Editora Vozes, 2004, p. 15.

GIDDENS, Anthony, *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta, 1992.

LAHIRE, Bernard, *Portraits Sociologiques*, Paris, Nathan, 2002.

LAHIRE, Bernard, *L'Homme Pluriel. Les Ressorts de l'Action*, Paris, Nathan, 1998

LOPES, João Teixeira, *A Cidade a Cultura*, Porto, Afrontamento, 2000.

PINTO, José Madureira, *Propostas para o Ensino das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1994

SCHÜTZ, Alfred, *The Structures of the Life-World*, Evanston, Northwestern University Press, 1973.

WRIGHT, Erik Olin, *Classes*, Londres, Verso, 1989.

#### **Résumé:**

L'expérience n'est pas souvent une unité homogène. Dans l'action sociale les contextes d'interaction et les logiques des acteurs sont plutôt contradictoires et multiples. Au-delà d'un point de vue souverain sur la réalité s'impose la pluralité des mondes de la vie et, aussi, ses langages, ses temps et ses modes.

#### **Abstract:**

Experience is not an unity. In fact, our life is full of heterogeneous and contradictory contexts. Thus, we may analyse those variable worlds of life and their contradictions based on plural languages and logics of action.

